

## O estádio como “segunda casa”: usos, apropriações e territorializações a partir da experiência do torcer no Setor Alvinegro do Ceará

Diego Batista de Moraes \*

Radamés de Mesquita Rogério \*\*

**Resumo:** Para muitos torcedores, o estádio de futebol significa uma “segunda-casa”. Assim, tal espaço se torna elemento de constituição de identidades, no qual os indivíduos atuam em relação uns aos outros, experimentando o jogo – fenômeno cultural – de diversas maneiras. Neste artigo, propomos a discussão do conceito de “territorialização”, a partir da abordagem de Haesbaert, que compreende território por uma dupla conotação (material e simbólica), proporcionando “poder” por meio das negociações de “lugares”. Especificamente, dialogamos com o trabalho etnográfico de Moraes (2015) com uma torcida do Ceará, Setor Alvinegro, demonstrando ser o fluxo e a acessibilidade dos territórios uma das perspectivas de análise de conflitos nas arquibancadas de futebol.

**Abstract:** For many supporters, the soccer stadium means a “second-home”. Thus, that space becomes element to constitute identity, in which individuals act in relation to each other, experiencing the game - cultural phenomenon - in many ways. In this paper, we propose discussing the concept of “territorial”, from the Haesbaert approach, comprising territory by a double connotation (material and symbolic), providing “power” through negotiations “places”. Specifically, we dialogue with the Moraes (2015) ethnographic's work with a crowd of Ceará, Setor Alvinegro, showing that the flow and accessibility of the territories is one of the perspectives of conflict analysis in the soccer bleachers.

### Introdução

O estádio de futebol é um elemento importante no imaginário do brasileiro e destaca-se porque o futebol é uma instituição social que abunda nos noticiários, nos debates cotidianos na rua, no trabalho, na escola, no barzinho. É, ainda, um elemento importante de constituição de identidades: “sou torcedor do leão”, “sou alvinegro”, “sou mengão”. Tal presença tão

---

\* Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará e membro do grupo de pesquisa Sociedade de Estudos em Esporte - SEE.

\*\* Professor adjunto da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, coordenador do grupo de pesquisa Sociedade de Estudos em Esporte - SEE.

marcante no imaginário se dá por múltiplas vias: é um dos momentos mais significativos de torcedores experienciar e participar diretamente do jogo, tanto de alegrias quanto de tristezas; é um espaço de realizações, mas também ocupa um lugar importante nas páginas policiais, ou seja, as alegrias e as tristezas dividem espaço com a violência e a criminalização.

Assim, o estádio se configura como um espaço rico em significações, bem como apropriações. É um território que se constrói e se reconstrói a cada jogo, assumindo cores diversas de acordo com uma série infundável de fatores. A questão é: que espaço é o estádio? Que território é esse? Como o seu significado é construído?

Esse artigo se origina da dissertação de mestrado defendida em maio de 2015 no departamento de Sociologia da Universidade Federal do Ceará intitulada “O jogo na arquibancada: O Setor Alvinegro e as performances do torcer no contexto do Futebol Espetacularizado” (MORAIS, 2015) e no diálogo com a teoria do espaço proposta no momento da defesa por um dos professores que participaram da banca de avaliação.

Na pesquisa da dissertação surgiu com recorrência a apropriação simbólica do estádio como uma “segunda casa”, daí a quarta e última (e mais importante) questão que esse artigo se propõe a problematizar: como e porque o estádio se constitui numa “segunda casa”?

Nosso esforço interpretativo está focado na experiência etnográfica da pesquisa da dissertação supracitada, ou seja, tem como universo privilegiado de análise a torcida organizada “Setor Alvinegro”, do Ceará Sporting Club. O “movimento”, como costumam nomear os indivíduos nessa torcida, surgiu em 2009, se organizando por meio de uma rede social na internet, o Orkut. Entre as motivações de sua “fundação” está a tentativa de fazer uma torcida “diferente” – numa alusão às torcidas mais “tradicionais”. Para operacionalizar essa diferenciação, busca utilizar-se de elementos diversos (performances, cânticos, trajes), dentre eles, o modo como se apropria de determinados espaços – dentro ou fora dos estádios – como parte de uma construção de uma “ideologia” ou “maneira de torcer”.

## **Espaço, lugar e territorialização: apropriações e usos**

Definiremos o espaço como a base sobre a qual se delineará a produção do lugar, ou seja, trata-se da possibilidade (abstrata e concreta) de coexistências, assim o espaço funciona como um dado do próprio processo social: trata-se de uma realidade constituída de modo relacional, nem um sistema de coisas, nem uma coisa; mas coisas e relações juntas.

Se o espaço é uma possibilidade de coexistências, relações e representações que se inscrevem e se compõem no campo físico, simbólico e social, o lugar deve ser entendido como a própria coexistência, a consequência do conceito da relação entre os elementos do real e do imaginado. Essa definição traz consigo valores de experiências, símbolos, significados, permanência, posse, defesa; é o “lugar antropológico” do sentido inscrito e simbolizado que se caracteriza por garantir simultaneamente identidade e história nas relações entre os membros do grupo cuja cultura o constituiu.

Elaboração concreta e simbólica do espaço, o lugar antropológico é a referência com arrimo na qual se remetem a identidade e a história dos indivíduos, como anota Buenos Aires, baseado em Marc Augé,

[...] a identidade dos indivíduos é derivada do lugar de nascimento. O lugar de nascimento que serve de suporte identitário a cada indivíduo que nele vive garante a coexistência destes com os outros, junto aos quais desenvolvem um sentimento específico de pertencimento. E ao conjugar identidade e relação, o lugar é também histórico, pois ele se define mediante um mínimo de estabilidade institucional: ‘(...) todas as relações inscritas no espaço se inscrevem também na duração (...)’ (BUENOS AIRES, 1998, p. 256).

É a ideia (variável segundo as posições que os indivíduos e grupos ocupam), parcialmente materializada, que os habitantes têm de suas relações com o seu território, com suas famílias e com os outros. Como ele se edifica? Como ele se constitui e se mantém?

Optamos por uma fenomenologia dos valores da intimidade do espaço e as funções do habitar, com base em Bachelard (1988) para ensejar uma resposta a essas questões. Segundo o

autor, a casa (o lugar por excelência) é a própria pessoa, sua “forma e seu esforço mais imediato” (p. 263). Assim, a essência da constituição e manutenção do lugar está no hábito ou no habitar que, por sua vez, carrega em si a duração. O verbo habitar, explica o autor, vem de hábito que, por sua vez, diz respeito a ações e usos repetidos que levam a um conhecimento, uma prática, um comportamento e uma pertença.

Assim é que “viver em”, ocupar, “estar presente”, permanecer – derivações do verbo habitar – é uma ação presente que tem uma grande referência no passado. E aqui se ressalte uma série de importantes valores da função do habitar: proteção, intimidade, reflexão, felicidade, bem-estar, refúgio, memória, que estão contidos na noção de casa, pois, como sentenciar Bachelard (1998, p.200),

[...] todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa (...) [ela] é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos dos homens (...) sem ela, o homem seria um ser disperso.

Disperso em todos os sentidos, sem referências, com a memória “comprometida”, na medida em que essa é eminentemente espacial. Quando sonhamos e quando recordamos, o lugar está lá; o lugar onde demos o primeiro beijo, o lugar para o qual fugimos quando daquela grande decepção, ou onde moramos quando nascemos. A casa é uma extensão do útero, é nosso primeiro habitat depois que saímos da maior proteção que o homem já pôde experimentar. Ela não se pretende útero, mas nós o procuramos nela. Nossa relação com a casa, principalmente na infância, é maternal, tanto que ela é o principal elemento de inspiração para os desenhos pueris. Pedir a uma criança que desenhe uma casa é pedir a ela que desenhe o seu sonho de felicidade. As árvores e o jardim ao redor, o sol ou lua juntamente às estrelas a contemplar são simbologias importantes que significam o calor (a intimidade) que há dentro da casa, o universo que é aquele espaço contemplado pelos astros, a natureza etc.

É necessário questionar-se, entretanto, se nas grandes cidades onde os indivíduos passam a maior parte de seu tempo fora de seus lares e mantêm relações com o “outro” – o

estranho, o desconhecido, cada vez mais distantes – se o indivíduo só se sentirá bem ou seguro em sua casa. Será somente o lugar de nascimento ou o aconchego do lar que propiciarão aos indivíduos possibilidade de referencial?

Para Michel de Certeau (1996), não. Embora esse também ressalte a importância da “casa da gente” como o território onde se “desdobra e se repetem dia-a-dia os gestos elementares das ‘artes de fazer’” (p.203), para ele, o espaço é fruto da tensão entre a ação da utopia racional, das concepções do planejado, que têm por principal agente o Estado ou a iniciativa privada (empresas) e a legitimação do caminho, ou seja, das ações, concepções do caminhar, do caminhante (indivíduos ou grupos).

O espaço se constitui da equação que situa em lados opostos planejado/construído e criatividade/resistência. A cidade opera no sentido de nivelar e controlar o espaço e, conseqüentemente, seus habitantes. Ela oferece a capacidade de conceber e construir o espaço com base em um “número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra”. (Idem, p. 173).

Existe, todavia, uma contradição essencial no seio da cidade-conceito entre o modo coletivo da gestão e o modo individual de uma apropriação, de forma que os indivíduos, por meio das práticas de espaço, da caminhada, têm o poder de atualizar, inventar, transgredir e graduar possibilidades, trajetórias. É a arte de moldar percursos – define o autor.

Essencial é compreender que, mesmo perante as “estratégias” (planos mais amplos de atitudes perante o mundo, disponíveis às classes dirigentes), os indivíduos têm múltiplas possibilidades de resistência e, tão importante quanto, têm a possibilidade de manter uma atitude ativa e de intervenção, mesmo que com graus de limitação.

A criatividade e a resistência, ratifique-se, são atitudes que remetem a fantásticas obras do ser humano. O que, por exemplo, é necessário para se construir um avião? Dentre outras coisas, para realizar tal façanha, o indivíduo ou a empresa interessada tem que compartilhar das

normas do Departamento de Aviação Civil (DAC) ou do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e ter o curso superior de Engenharia. Além disso, deve dispor ainda de recursos tecnológicos de última geração. A ausência de todos esses elementos não impediu que um cearense da cidade de Limoeiro do Norte construísse um. Ribamar de Freitas é caminhoneiro e tem ensino médio completo, profissão e formação que não lhe dariam condições de dar conta de tão ambicioso plano. Ribamar dedicava todo o seu tempo livre a estudar aerodinâmica, e em sua obra utilizou-se de materiais reciclados (a estrutura é feita de alumínio reaproveitado, o painel de instrumentos também foi feito com sucata e o motor adaptado e retirado de um fusca). “O desenho, o modelo e a estrutura fui eu que construí. Tudo isso foi eu que tirei da minha própria cabeça. O que eu tenho hoje é conhecimento sobre a aeronave, sobre aerodinâmica, teoria de voo<sup>1</sup>”.

Cabe perguntar, contudo, até aonde vai essa capacidade do indivíduo de “resistir” ou “escapar” do sistema? Quais são os limites de intervenção do indivíduo no espaço público? Até onde a caminhada e o caminhante têm poder de modificar o caminho? Essas indagações, bem como as elucubrações a que se chegou com o apoio de Certeau, levam ao conceito de território. O geógrafo brasileiro Rogério Haesbaert (2006) buscou a compreensão de território na etimologia da palavra: do latim *territorium*; derivado do vocábulo latino *terra*, utilizado pelo sistema jurídico romano para designar pedaço de terra apropriado no limite de uma determinada jurisdição político-administrativa – *jus terendi*. O autor destaca, entretanto, a aproximação com *terreo-territor* (aterrorizar, aquele que aterroriza).

Polêmicas à parte sobre as “verdadeiras” origens do vocábulo, Haesbaert chama a atenção para o fato de que o sentido atribuído a território, hoje, geralmente, perpassa exatamente esse duplo sentido: um dizendo respeito à terra, portanto, território como “materialidade”, apontado pelo autor como forma predominante de se pensar o conceito; o outro, referido aos

sentimentos que emanam do território (medo por parte de quem é excluído desse ou satisfação para aqueles que compartilham dele ou com o qual se identificam).

Numa síntese das várias noções de território, o autor aponta três vertentes básicas, das quais aqui são apropriadas somente duas:

1. O território como um “espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado”. (2006, p. 40); e

2. O território como o “produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido”. (Idem).

Então é válido compreender que território possui dupla conotação – material e simbólica – assim, em qualquer acepção, tem relação com poder, que, por sua vez, também possui duplo sentido; um mais explícito, mais concreto e “funcional”, vinculado ao valor de troca – *dominação*, e o outro mais implícito ou “simbólico”, subjetivo, “mais carregado das marcas do vivido”, do valor de uso – *apropriação*. Os dois sentidos são indissociáveis, partes como são do mesmo processo.

Como define o autor:

O território envolve sempre, ao mesmo tempo (...), uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de ‘controle simbólico’ sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar [e político-econômico, deveríamos acrescentar] (*sic*): a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos. (HAESBAERT, 2006, p. 94).

Assim, territorialização é o domínio (político-econômico) ou apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos. Embora admita não ser coerente separar as duas esferas de poder – domínio e apropriação – o autor aponta que os grupos sociais, classes, instituições, irão se territorializar mediante processos mais próximos do “funcional” ou do

“subjetivo” em suas relações com os “seus” espaços, de acordo com a dinâmica de poder e estratégias disponíveis a cada um.

A territorialização significa, nesse sentido, a criação de mediações espaciais que proporcionam efetivo “poder” sobre a reprodução dos grupos sociais. Com efeito, cada grupo produz e mantém relações com ou por meio do espaço das mais diversas formas. Na perspectiva da dominação, destaca-se o papel do Estado, de instituições financeiras, religiosas, órgãos de fiscalização etc. que definem ou processam território, tendo em vista a necessidade de controle e/ou contenção territorial como forma de conjugar poder no sentido lato. Dessa forma, surge o controle de uma área pelo controle da sua acessibilidade e fluxo e isso iremos ver com muita clareza na análise que passaremos a fazer sobre o estádio, particularmente, a territorialização realizada pela torcida Setor Alvinegro nos estádios Presidente Vargas e Castelão em Fortaleza.

### **O estádio e o torcer: múltiplas territorializações**

Todo mundo está ali no mesmo ideal. Quando é gol, todo mundo se abraça. E é aí que você se sente em casa. Pelo menos, eu me sinto assim. Eu me sinto à vontade. Estou muito estressada, mas quando eu piso no Castelão ou no PV, ou qualquer outro estádio, dá uma paz, uma paz muito grande. (Lara)<sup>2</sup>

A partida começa às quatro da tarde no estádio Castelão, mas antes de uma da tarde o Setor Alvinegro se reúne. Ou melhor. A reunião começa a ser organizada por meio de comunicações móveis no decorrer da semana, como os grupos de *whatsapp* nos celulares. Assim, um pode mandar uma mensagem enquanto está no trabalho, outro enquanto estuda ou assiste a algum programa de televisão. Entre as preparações para a partida, decidir aqueles que ficarão responsáveis por enviar ofício à Polícia Militar<sup>3</sup>. “Quem vai ajudar a levar os instrumentos?”, pergunta alguém no grupo. “Quem vai poder me dar carona? Tô aqui pelo lado do Montese<sup>4</sup>”, pergunta outro. Aos poucos os principais assuntos referentes a uma partida de futebol são levantados, dentre eles: o que o Setor vai fazer no jogo?

O material para executar as performances, bandeirolas, faixas, tirantes, instrumentos musicais, ficam geralmente guardados sob a responsabilidade de um dos dirigentes da torcida. Este se comunica com outros membros da torcida para decidir quem se encarregará de entrar mais cedo no estádio para organizar a distribuição dos materiais: pendurar faixas, organizar o local da bateria, amarrar tirantes e trapos. Quem não entra cedo, geralmente, fica responsável por comandar o “esquentar” – uma espécie de sociabilidade pré-jogo, na qual há presença de muita bebida alcóolica e música.

Para o Setor, essa preparação durante quase uma semana inteira antes da realização de uma partida de futebol é fundamental para as discussões acerca dos usos que farão do estádio. A esse espaço – o estádio – são dados diversos sentidos pelos torcedores. Isso varia de acordo com as suas experiências como torcedor, passando pela intensidade de relação que ele estabelece com o jogo e com o time. Um torcedor de organizada pode fazer o trajeto até o estádio com membros de sua equipe, bem como um torcedor comum fazer esse mesmo trajeto de forma mais “reservada”. Ao chegar ao estádio, o local em que se assiste à partida e a forma como se assiste também parece ser bastante diversa.

É principalmente no espaço público do estádio que se estabelecem as relações entre os torcedores, e entre torcedores e demais jogadores, criando assim condições para que o jogo de classificações ganhe vida. Assim, esse espaço se apresenta, conforme Arendt (2009), como um espaço comum, que significa “ter um mundo de coisas interposto entre os que nele habitam”, e também como uma aparência que constitui a realidade, na medida em que vemos e ouvimos os outros, ao passo em que somos vistos e ouvidos. Desse modo, a presença de outros que “veem o que vemos e ouvem o que ouvimos” garante a realidade do mundo e dos diversos sujeitos.

Parece ainda interessante aqui dialogar com duas ideias que perpassam o debate em torno do jogo. A primeira é de um estádio como espaço de ações, tomada de decisões, chances, apostas, derrotas, vitórias, numa abordagem de compromisso com o jogo, tal qual sugerida por

Goffman (2012): “sem compromisso, sem chance”. A segunda é do estádio como *lugar*, a partir do conceito de Leite (2002), no qual se erguem fronteiras simbólicas de acordo com os usos que se fazem de determinados espaços. Assim, entendemos o estádio como um espaço de interações e interdependências, donde me comprometo a jogar com o outro, mas também de segregação, já que cada um tem seu devido *lugar* quase que pré-determinado. Tanto os compromissos com o espaço da performance, como as fronteiras que tentam ser estabelecidas, dialogam com a proposta de compreensão do jogo de classificações que parece se desenvolver nas arquibancadas.

Um lugar onde a ação e as performances acontecem, onde as corporalidades e composições estéticas de gestos, gritos e xingamentos se transfiguram como parte da construção de identidades torcedoras, nomeadas por estilos ou ideologias. Essas diferenciações se territorializam em espaços que “dão vida e emoção” ao jogo – aquele que acontece no gramado –, mas também ao jogo – aquele que ocorre nas arquibancadas.

Quando Lara põe os pés no Castelão, ela tem uma sensação de paz: “Todo mundo está ali no mesmo ideal. Quando é gol, todo mundo se abraça. E é aí que você se sente em casa. Pelo menos, eu me sinto assim. Eu me sinto à vontade”, disse a torcedora em entrevista. A ideia de um local pacífico pode chocar àqueles que têm uma imagem inicial do estádio apenas como um espaço de confrontos, discussões acaloradas e brigas.

Talvez este espaço “pacífico” esteja em conformidade com o que Lara diz logo em seguida: “é aí que você se sente em casa”. Muitos membros do Setor Alvinegro se apresentaram em situação semelhante ao falar sobre o estádio. Como o torcedor Ygor, que interpreta esse espaço como um segundo lar<sup>5</sup>:

*O estádio é a nossa segunda casa. É onde a gente se sente em casa. Eu, praticamente toda semana durante o ano, estou pelo menos um dia dentro do estádio. Eu durmo em casa todo dia, mas se eu pudesse todo dia assistir a um jogo no estádio, eu ia.*

A fala de Ygor complementa a de Lara e a de muitos outros torcedores. Foi comum ouvir membros do Setor dizendo que “o estádio era a casa do Vozão”, ou “aqui não tem quem

ganhe da gente”. O Castelão e o Presidente Vargas, os dois estádios nos quais o Ceará “manda”<sup>6</sup> seus jogos, são para muitos deles como um espaço no qual o torcedor pode expressar com mais intensidade sua relação clubística. Mesmo não desconsiderando que há diversos tempos e espaços dedicados a se expressar essas paixões clubísticas, é principalmente no estádio que se torce, e se mostra que se torce.

Além dessa convergência de sentimentos clubísticos, os estádios representam, como na ideia de Schutz (2012), um “lar”, “o ponto de partida e o de chegada” para o torcedor. É pensando e planejando a ação que vai ocorrer no estádio (ou em torno dele) que faz com que muitos membros do Setor se mobilizem durante a semana quase inteira e tomem decisões sobre o que vão levar, de que forma vão mostrar e que atitudes vão ter caso algo não ocorra como ensaiado. Um exemplo interessante pode ser visto a partir de anotações de diário de campo de 7 de novembro de 2014:

*Era uma sexta-feira. O jogo começaria às 20h. O Ceará estava ainda com chances boas de conseguir o acesso para a Série A do Campeonato Brasileiro. A partida era contra o Atlético Goianiense. O jogo tinha tudo para ser bem difícil. Por isso, o pessoal passou a semana quase toda planejando voltar para as cadeiras inferiores – onde o Setor Alvinegro começou sua história. Era o que eu mais tinha os visto falar naquela semana: “A gente precisa voltar com tudo pras inferiores”.*

*Bem antes das oito da noite, algo em torno de 18h, uns dez membros do Setor estavam lá no Castelão para entrar com os tirantes. Entrei depois deles naquele dia, e me dirigi imediatamente para onde eles estavam nas inferiores. Ajudei-os a amarrar os tirantes. Eles ocupavam quase um setor inteiro de cadeiras com os tirantes, não que eles tivessem umas duzentas pessoas para ficar ali, mas os tirantes ocupavam bastante espaço. Outros torcedores que se encontravam ali foram ajudando, mesmo sem fazer parte do Setor. Alguns deles indicavam: “Puxa mais para esticar direito e ficar bonito”.*

*As cadeiras inferiores são bem próximas do gramado, o que facilitava o grande objetivo de “voltar com tudo” naquele dia. O que já vinha sendo planejado a semana inteira foi redito pelo Ygor ao pessoal do Setor:*

*“Atenção, galera! Hoje o objetivo principal é apoiar, apoiar e apoiar. Nada de ficar parado ou sem cantar. A gente tem que dar o gás. Então vamos cantar sem parar porque o time tá precisando da gente”.*

É, portanto, esse sentido inicial de “lar”, de um local conhecido e no qual se partilha com outros torcedores sentimentos de pertencimento e de envolvimento com o jogo e, acima de tudo, um lugar praticado, construído num esforço significado e significativo, que esta pesquisa revelou a partir das narrativas e entrevistas com membros do Setor Alvinegro. A seguir, analisamos algumas decorrências desse espaço, que parece agregador, mas, por vezes, também pode ser compreendido como segregador pelos mesmos torcedores – e de que modo ele se insere como palco desse jogo de classificações.

### **Um lugar de comunicação**

O espaço para onde se convergem sentimentos semelhantes, mas dentro de um ritual de caráter disjuntivo – o jogo – é também espaço para a interação entre diversos torcedores e “ideologias” de torcer. Primeiramente, destaque-se o caráter de comprometimento que o estádio – espaço principal do jogo – exige de seus diferentes jogadores.

A interação entre as diferentes torcidas entre si, criando um jogo a partir e em paralelo com um jogo de futebol, depreende de escolhas e posicionamentos, afinal “torcer” é um processo de escolha. A forma de torcer – ou de atuar no jogo – depende também de um posicionamento ao qual se cria uma vinculação não apenas de sentimento (pertencer a um clube), mas também de comprometimento com um “estilo” de torcer, o que os torcedores chamam “ideologia”.

As músicas cantadas pelas torcidas são modos de comunicar essas “ideologias”. Quando questionei alguns membros sobre o que seria essa “ideologia”, o presidente da torcida deu-me uma explicação acerca dessa palavra: “É como se fosse um guia pra gente seguir e acompanhar o Ceará seguindo exatamente essa linha”.

Teixeira (2003) abordou assunto semelhante ao falar sobre as jovens torcidas cariocas. Para a autora, as torcidas podem tomar determinadas posições e ter concepções diferentes frente

a brigas, por exemplo, de acordo com a “filosofia de torcer” de cada uma delas. Essas “filosofias” dizem respeito “ao conjunto de princípios e objetivos que norteiam sua ação. [...] Quando a filosofia é de briga, há o incentivo à luta, vai-se ao estádio predisposto a ‘bater’, a arrumar confusão” (p. 136/137).

Essas “filosofias de torcer”, coadunam com o conceito de “ideologia” a partir de Ricoeur (1990), para o qual sua função geral está ligada “à necessidade, para um grupo social, de conferir-se uma imagem de si mesmo, de representar-se, no sentido teatral do termo, de representar e encenar” (p.68).

O Setor Alvinegro se nomeia como uma torcida barra brava<sup>7</sup>, o que denota uma “ideologia” de torcer, uma conduta a ser assumida e comunicada nas arquibancadas a fim de diferenciá-los das demais torcidas. Assim, ao levar ao estádio bandeirolas, chapéus, tirantes (Figura 1), há uma intencionalidade nessa caracterização de um torcer:

As barras bravas fazem isso na América do Sul afora, por tudo que a gente vê. E é bonito, chama atenção, sabe... Você ver as bandeirolas que acompanham os cânticos. Cantando, pulando e balançando as bandeirolas. Isso é pro jogador tá dentro de campo, olhando pras arquibancadas... os caras não param, e eu também não vou parar. Vou comer grama aqui e correr atrás da bola. (ANDRÉ)

Essa intencionalidade é o que Goffman (2013) caracteriza como o objetivo geral da equipe, qual seja o de “manter a definição da situação que sua representação alimenta”. Isso faz com que o Setor Alvinegro ressalte os aspectos que o caracterize como uma barra brava e talvez diminua ou até omita o que o caracteriza como uma torcida organizada “tradicional”<sup>8</sup>. Outras torcidas também realizam performances semelhantes nos estádios de futebol no Brasil e também se nomeiam barras bravas. Parte dessa performance está associada a um tipo particular de música entoada nos estádios: as músicas de alento.

Para Rodrigues (2012), a palavra pode designar uma canção (o “alento” em si), um verbo para cobrar maior incentivo quando a torcida esmorece (“Vamo alentar!”), ou até mesmo uma disposição, um modo de torcer (“torcida de alento”). O autor percebeu em seu estudo com

a torcida “Geral do Grêmio”, uma nova modalidade torcedora: as “torcidas de alento”. Essas torcidas começaram a surgir no país no início da década de 2000 trazendo uma série de características como os cânticos de apoio constantes ao time, com a presença de menos palavrões e mais declarações de amor ao clube – construindo uma oposição aos modelos de músicas existentes anteriormente. Trabalho similar realizou Menezes (2010) com duas torcidas do Botafogo Futebol e Regatas, a “Fúria Jovem do Botafogo” e a “Loucos pelo Botafogo”.

No caso da “Loucos pelo Botafogo”, uma torcida de alento do clube, foram percebidas características semelhantes ao que fora levantado por Rodrigues, ou observadas também no Setor Alvinegro. Tais equipes

buscam um distanciamento da violência, atribuída às torcidas organizadas pelos meios de comunicação. Com o objetivo de diferenciação das torcidas organizadas e, logo, das práticas violentas institucionalizadas, esse grupos adotaram modelos de torcer que incluem práticas cada vez mais racionalizadas e organizadas (MENEZES, 2010, p. 59).

A interseção entre as condutas dessas torcidas implica uma problematização pertinente aos modos de “torcer”, de participar do jogo que tem se tornado mais visibilizado no Brasil. Essa postura aparentemente pacífica e de declaração de amor incondicional ao time surgiria como uma opção “viável” e mais próxima da estética do futebol espetacularizado<sup>9</sup>, em oposição às práticas violentas de torcidas organizadas constantemente difundidas por meios de comunicação.

*Se você canta uma música de amor ao clube, quem tá ali dentro vai sentir. Pelo menos essa é a intenção, né? Caralho essa torcida que tá aqui ama esse clube e a gente tem que dar o sangue por esse clube também. Agora, música de violência, tipo “Vamo dar porrada no Leão”, “expulsa, expulsa”, cresce é aquele sentimento de ódio, de sangue nos olhos e tal, e isso a gente vê muito no campo também, principalmente quando é Clássico. Se a galera tá cantando “expulsa, expulsa”, aí o jogador vai dar carrinho e derrubar todo mundo que tá na frente. Eu acho que o jogador que tá ali dentro de corpo e alma, ele sente o que é que a torcida tá querendo passar. (LARA)*

Assim, parte da performance do Setor é no sentido de instituir uma modalidade de torcer, diferente do que eles conhecem tradicionalmente por torcida organizadas. As músicas constituem parte dessa identidade que tenta se marcar quase que o tempo todo nas arquibancadas (mas também fora delas, enquanto houver jogo a ser jogado).

Figura 1 – Setor Alvinegro e seus elementos de performance nas arquibancadas



Fonte: Arquivo do Setor Alvinegro (2014).

No principal espaço da ação – o estádio – essa performance do Setor Alvinegro deve, portanto, ser exercida com algum cuidado. Os noventa minutos em que a bola está “rolando no gramado” representam um momento decisivo dentro do jogo. Se as chances em campo são da ordem do “ganhar ou perder”, nas arquibancadas parece circular uma expectativa semelhante. “Ganhar ou perder” pode estar relacionado a não desempenhar a performance adequada para o jogo, ou em não coadunar a “ideologia” da torcida ao que é apresentado nas arquibancadas. Lara, por exemplo, criticou o Setor Alvinegro por estar com uma “ideologia” muito parecida com a da Ceará Chopp:

O pessoal é meio cabeça fechada. O pessoal ainda tá naquela fase de: vamo beber! Vamo beber que aqui tem! Vamos pra festa da FEC Beer<sup>10</sup> porque a gente é uma torcida chopp. Pra mim, não tem sentido. Mas eu acredito que eles irão retomar esse ideal de noventa minutos e tirar isso da cabeça de torcida chopp, porque eu acredito que isso não leva ninguém a lugar nenhum. (LARA)

Comprometidos com o jogo – e com a dinâmica inerente a ele – as equipes parecem conhecer um pouco mais umas sobre as outras, o que pode levá-las ao diálogo e companheirismo de um lado ou a falta dele, a violência de outro. Goffman (2013, p.183) entende que essa interação depende em muitos casos da impressão oficialmente transmitida ao outro.

Quando duas equipes se encontram uma com a outra com objetivo de interação, os membros de cada uma tendem a sustentar como linha de ação que eles são o que afirmam ser; tendem a permanecer a caráter. [...] Ao mesmo tempo, cada equipe tende a suprimir sua cândida opinião de si mesma e da outra equipe, projetando uma concepção de si e uma concepção da outra relativamente aceitável para esta. E, para assegurar que a comunicação seguirá pelos estreitos canais estabelecidos, cada equipe está preparada para ajudar a outra, tácita e discretamente, a manter a impressão que está tentando causar.

## Um lugar de divisões

Visto que as equipes possuem performances distintas, por seguirem linhas de condutas também distintas, os estádios surgem como miscelâneas de estilos e formas de “estar no jogo”. Assim, o espaço onde equipes interagem pela e a partir da dinâmica do jogo é também um espaço no qual as performances são encenadas de formas sistemáticas a fim de demarcar ou acentuar a comunicação dessas diferenças.

Ideias sobre separar, purificar, demarcar e punir transgressões, têm como sua função principal impor sistematização numa experiência inerentemente desordenada. É somente exagerando a diferença entre dentro e fora, acima e abaixo, fêmea e macho, com e contra, que um semblante de ordem é criado (DOUGLAS, 2012, p.15).

Desta maneira, as diferentes performances acentuam não apenas as “ideologias” presentes nos estádios, mas também se materializam por meio das divisões de *lugares* nas arquibancadas. Geralmente, essas divisões são demarcadas pelas torcidas organizadas com faixas, bandeiras, instrumentos musicais e com os próprios corpos dos torcedores (mesmo quando esses não estão presentes<sup>11</sup>), de modo que, ao entrar no estádio, estes torcedores (de um modo geral, mas principalmente aqueles que vão com frequência) já sabem para onde se encaminhar. Leite (2002, p.123) compreende o *lugar* como

Uma determinada demarcação física e/ou simbólica no espaço, cujos usos o qualificam e lhe atribuem sentidos diferenciados, orientando ações sociais e sendo por estas delimitado reflexivamente. Um lugar é, assim, um espaço de representação, cuja singularidade é construída pela “territorialidade subjetivada”.

Assim, os usos feitos desses espaços pelos diferentes torcedores e equipes parecem, por suas práticas e formas de “estar no jogo”, construir as demarcações simbólicas do torcer nas arquibancadas dos estádios. Por exemplo, em suas experiências etnográficas no estádio João

Havelange, também conhecido como Engenhão, no Rio de Janeiro, Curi (2012) identificou, entre outras coisas, dois tipos de torcedores nas arquibancadas. O primeiro deles esperava ter conforto no estádio durante a partida de futebol, por isso escolhia ficar em locais onde pudesse assistir a tudo sentado, longe do “barulho” que as torcidas organizadas faziam. Outro torcedor já preferia ficar perto das organizadas, onde podia ouvir e cantar as músicas, o que representava para ele ter uma relação de “mais emoção” com o jogo. Ou nas palavras de um interlocutor do Setor Alvinegro,

tem pessoas que não gostam de estar no meio de torcida organizada. Então, as pessoas que não gostam de torcida organizada já não vão sentar naquele local porque sabem que ali é o local de uma torcida organizada. E as que não gostam, quando a gente chega e começa a colocar nosso material, dizem: aí, tira isso daqui que tá me incomodando. Aí a gente diz: *galera, isso aqui é o local do Setor, então a gente tem o direito de tá fazendo isso daqui. Se você não tá gostando, vá pra outro local.* (SILVIO)

As demarcações feitas pelas torcidas acionam os usos desses *lugares* nas arquibancadas, que passam de meros locais nos quais se podem acompanhar uma partida de futebol para *lugares* das mais diversas torcidas. Quando perguntado sobre como haviam escolhido determinados espaços para “se instalarem”, Ygor respondeu dando pistas para pensar a lógica embutida nessa escolha:

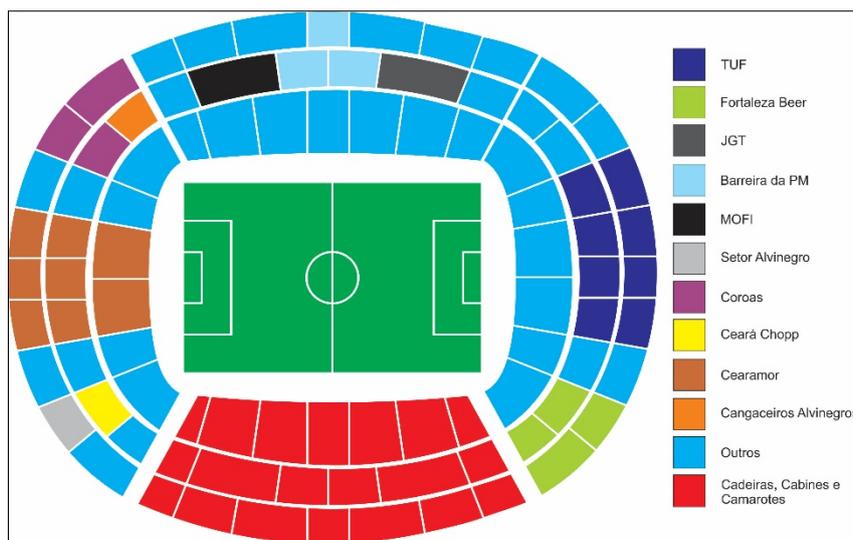
A gente primeiro vê quem são as tradicionais, que é a Cearamor, a MOFI e a Ceará Chopp. *Porque elas vieram antes da gente.* Então os caras já ficam naquele espaço ali. Então a gente escolhe outro local. Eu prefiro ficar no centro do campo. Porque eu consigo assistir ao jogo e os jogadores conseguem escutar melhor do meio do campo. Ao contrário, por exemplo, se você estiver só de um lado da arquibancada, e o time estiver atacando pro outro lado, o time não vai te escutar. Principalmente também pela adrenalina do jogo, aí é muito complicado. Mas fica muito mais difícil escutar. Eu preferia no centro do estádio. Mas no PV, por exemplo, a gente não fica no centro por *respeito aos torcedores comuns*, que a maioria a gente consegue identificar que eles ficam ali. Aí pra gente ficar ali seria como *tomar o lugar deles*, como se fosse uma ofensa ou algo do tipo. Aí a gente escolhe um local que seja neutro, que dê pra gente ficar tranquilo e dê pra gente torcer normal. (YGOR)

A escolha passa, portanto, por uma leitura e interpretação de outras demarcações existentes, seja a de torcidas “tradicionais” ou de torcedores comuns. Os espaços, uma vez construídos socialmente como *lugares* de certas relações “adquirem” o status dos sujeitos que fazem uso deles. Assim, os torcedores conseguem, ao entrar no estádio, perceber os *lugares* das

torcidas organizadas e os *lugares* dos torcedores comuns, donde as atuações nos jogos são diferentes.

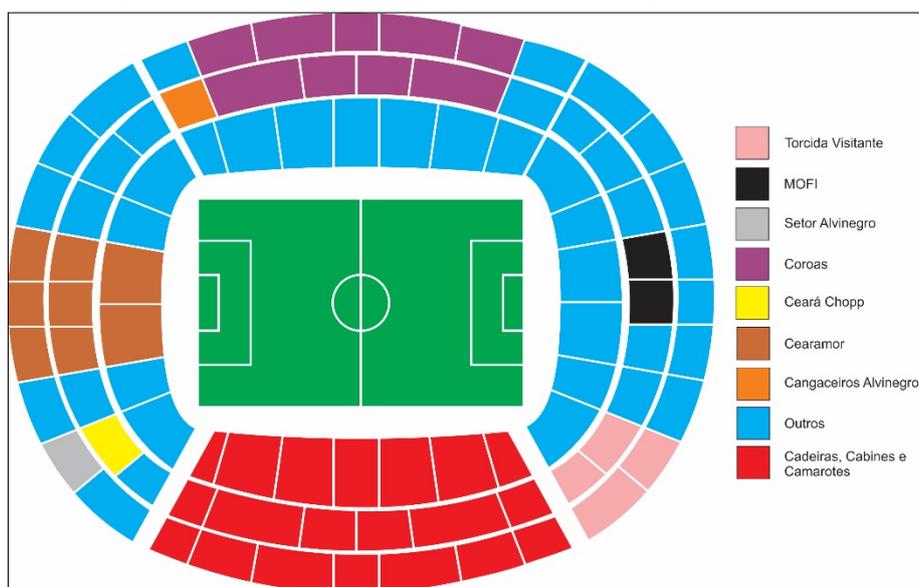
O Setor Alvinegro tem seus *lugares* demarcados no Castelão e no Presidente Vargas. Para além disso, tem uma espécie de mapa<sup>12</sup> que tipifica e organiza a distribuição das diversas torcidas e torcedores nesses estádios, conforme as Figuras 2, 3, 4 e 5.

Figura 2 – Divisão do Estádio Castelão em Clássico-Rei



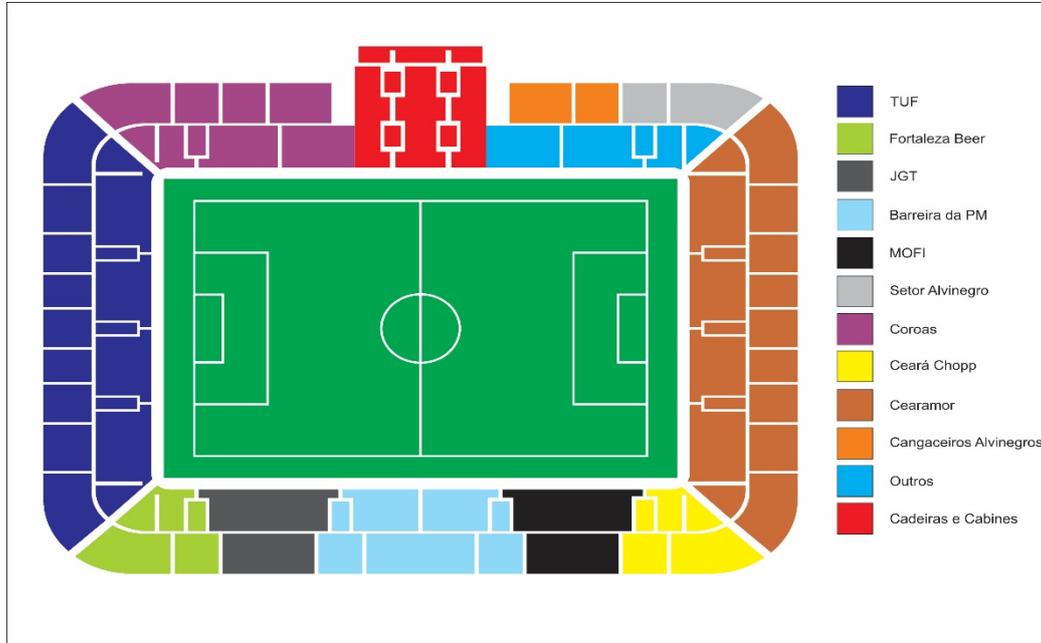
Fonte: MORAIS (2015).

Figura 3 – Divisão do Estádio Castelão em partidas comuns



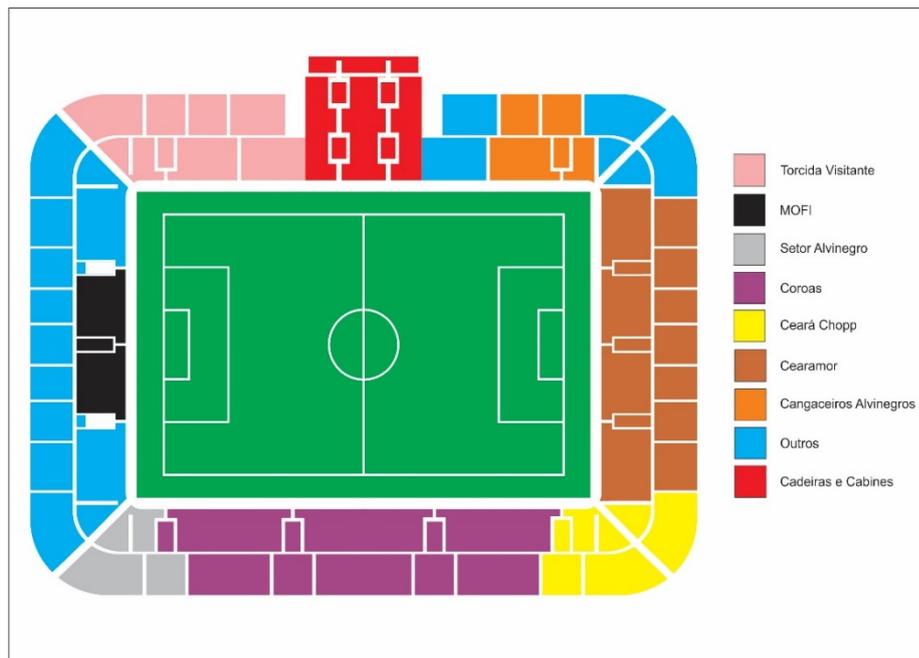
Fonte: MORAIS (2015).

Figura 4 – Divisão do Presidente Vargas em Clássico-Rei



Fonte: MORAIS (2015).

Figura 5 – Divisão do Presidente Vargas em partidas comuns



Fonte: Morais (2015).

Pelos mapas, observa-se que os maiores espaços de torcidas organizadas são destinados para Cearamor e TUF, quando em Clássico-Rei, tanto no PV como no Castelão. Esses espaços são também diametralmente opostos. Assim, as duas torcidas organizadas mais tradicionais podem jogar uma com a outra constantemente, seja por meio de músicas, xingamentos ou gestos. Outra parte considerável do estádio é entendida como *lugar* para “outros” torcedores. Estes seriam torcedores que não se caracterizam por acompanhar as partidas de futebol em meio às organizadas.

É importante, porém, salientar que essas demarcações de usos e diferenças não impedem que haja contatos e negociações entre as torcidas e demais torcedores. Agora, passaremos a discussão sobre essas demarcações nos dois principais estádios em que o Ceará, bem como seus torcedores e torcidas, atuam: o Castelão e o PV.

### **Do Castelão ao PV**

Há diferenças a serem discutidas no que diz respeito às performances executadas pelo Setor Alvinegro no Castelão e no Presidente Vargas. Primeiramente, os dois estádios apresentam dimensões bastante distintas. Enquanto o Castelão tem capacidade para pouco mais de 64 mil pessoas, o Presidente Vargas abriga 20 mil torcedores. Assim, o primeiro seria o palco “dos grandes jogos”, e o segundo entendido como um verdadeiro “caldeirão<sup>13</sup>”. Dessa forma, e por não ser uma torcida muito numerosa, o Setor Alvinegro “cresce” no PV e “diminui” no Castelão.

A casa do Setor é no PV. O Castelão nos engole. Como o pessoal que frequenta o Setor fica variando entre 50 e 60 pessoas, não tem garganta suficiente pra cantar no Castelão. Já no PV a gente tem como chamar atenção. A gente já teve a oportunidade de ser a única torcida do Ceará presente no estádio e puxou toda a torcida do Ceará.  
(ANDRÉ)

“Engolidos” pela dimensão do Estádio Castelão. Este seria o principal impedimento para que o Setor Alvinegro conseguisse encenar suas performances com “êxito” e demarcar sua “ideologia” nas arquibancadas desse estádio. Do contrário, o Presidente Vargas parece ser o

local onde o Setor Alvinegro consegue expressar de forma mais intensa sua “ideologia”. Em outras palavras, seria também o lugar no qual participa mais do jogo. Vejamos o que ocorreu numa semifinal de Campeonato Cearense, entre Ceará e Fortaleza, no PV, com o Setor:

*Cheguei ao Estádio Presidente Vargas por volta das 14h, no bairro do Benfica. O jogo era praticamente de uma torcida só, apesar de ser um Clássico-Rei. Era semifinal do Campeonato Cearense. O Ceará havia vencido o primeiro jogo por 3 a 0. O Fortaleza só poderia avançar à final do Estadual caso derrotasse o Ceará por uma diferença de quatro gols, o que acabou desanimando a presença do público tricolor.*

*Encontrei-me com a rapaziada do Setor Alvinegro em uma praça próxima ao estádio. Nesse dia, eles tinham uma missão especial. Combinaram com parte da diretoria alvinegra que levariam os instrumentos da bateria para o setor das cadeiras sociais, por trás do banco de reservas do Fortaleza, o que é uma posição onde normalmente não se localizam torcidas organizadas nos estádios. Geralmente, são famílias e o ingresso para esse local é mais caro que nas arquibancadas. A posição ali não era à toa. Eles tinham a missão de irritar o técnico adversário e os jogadores do Fortaleza que se encontravam no banco de suplentes para aquela partida.*

*Antes do jogo, o burburinho e excitação era em torno da seguinte fala:*

*"Hoje nós vamos perturbar o juízo dele (Hélio dos Anjos<sup>14</sup>). Ele num instante fica doido".*

*Resolvi ficar nas cadeiras sociais junto com eles e acompanhá-los nessa empreitada. Eles eram os únicos no estádio com instrumentos musicais e bateria. Dias antes, três torcidas organizadas haviam recebido punições judiciais e estavam impedidas de entrar com qualquer tipo de material que as identificasse. Duas dessas torcidas eram do Ceará; a outra era do Fortaleza.*

*Como as sociais não recebem, via de regra, torcidas organizadas, a presença do Setor Alvinegro ali causou certo estranhamento aos frequentadores daquele espaço. Um senhor de mais idade alertava algumas famílias que ali chegavam.*

*“É melhor vir mais pra cá que aí vai ter barulho”.*

*Outros, porém, acompanharam os gritos puxados pelo Setor. Logo o Setor começou a gritar e cantar contra os tricolores em uma das músicas mais conhecidas pelos torcedores do Ceará em geral:*

*“Arerê, Leão foi pra terceira se fuder ê-ê!”.*

*Eram cerca de 12 membros do Setor naquele dia. Quase todos tinham algum instrumento de percussão. Um deles tocava o trompete, e apenas este não cantava enquanto tocava. Outros membros e pessoas que simpatizavam com o grupo estavam nas arquibancadas, ao lado das cadeiras sociais. Esses ficaram de fora por não terem comprado ingressos para as cadeiras ou não terem arranjado ingresso para aquele setor com ninguém.*

*O barulho naquela tarde vinha do Setor Alvinegro. Como já dito, nenhuma outra torcida estava com instrumentos musicais. Entre uma música e outra que cantavam, principalmente deles, perturbavam um pouco o juízo do técnico adversário.*

*“Cama, Hélio! Fica, Hélio! O Hélio vai treinar na Série D”.*

*Em alguns momentos, conseguiam puxar algum cântico com os torcedores. No geral, porém, acabavam tocando bateria por músicas ainda puxadas pela Cearamor. Quando a Cearamor cantava alguma música deles próprios, dividia um pouco o Setor.*

*“Deixa eles cantarem isso sozinhos. Não vamos cantar isso não”.*

*Esse tipo de comentário surgia principalmente em músicas que a Cearamor puxavam, mas que não tinha tanta repercussão no restante do estádio.<sup>15</sup>*

O Presidente Vargas proporciona, portanto, que o Setor Alvinegro consiga performances tão impactantes que, mesmo com a maior quantidade de membros vinculados à Cearamor, eles conseguem comunicar e expressar suas “ideologias”. É também por isso que muitas vezes ouvi deles que o PV é que era o *lugar* para eles. Esse vínculo afetivo se estabelece pela potencialização da sua interação com o jogo. Ou, nas palavras de Silvio: “No PV, nós somos muito mais fortes do que no Castelão”.

### **Um lugar de festa**

Antes de chegar às arquibancadas, os torcedores do Setor costumam criar uma sociabilidade<sup>16</sup> nos arredores dos estádios, seja do PV ou do Castelão. A essa forma de sociabilidade, eles chamam “Esquenta”. Trata-se de uma espécie de festa, com a presença de

diversas bebidas alcólicas, música e conversas não somente em torno do time ou da torcida.

Vejamos como ocorre, a partir de um extrato do diário de campo:

*Era a noite de uma terça-feira. O Ceará voltava a jogar pela Série B do Brasileirão depois da parada para a disputa da Copa do Mundo<sup>17</sup>. A partida ocorreria no Presidente Vargas. Havia muito burburinho em torno disso, já que o Setor Alvinegro se sente mais acomodado quando o time joga no PV. Durante a semana, eles haviam se juntado e discutido várias vezes para definir como funcionaria o Esquenta no PV.*

*Naquele dia, o local escolhido para o Esquenta ficava a duas quadras do estádio. Era um bar localizado exatamente em frente à sede da Ceará Chopp (ver Figura 5). Enquanto de um lado da rua havia um grupo musical tocando pé-de-serra<sup>18</sup>, o Setor organizava uma festa com muito pagode. Questionei ao André:*

*“Será que eles não vão achar ruim vocês ficarem aqui?”.*

*“Não tem nada a ver. Os caras são de boa e eles estão comemorando o aniversário deles. Eles são acostumados a fazer esse tipo de festa. Então, a gente não pode interferir. Mas a nossa festa também não depende deles”.*

*De fato, a festa ocorria sem maiores problemas aparentes. Do lado de dentro do bar, cerca de seis rapazes, todos frequentadores do Esquenta do Setor, tocavam pagode. Nas mesas do bar, algumas pessoas ouviam o som alto, conversavam sobre assuntos do cotidiano, outros dançavam ou ficavam cantarolando as músicas.*

*Do lado de fora, a rua estava tomada de torcedores. Não apenas aqueles que passavam em direção ao estádio, mas também havia muitos que ficavam em frente ao bar. Muitos homens vinham acompanhados das namoradas, mas era comum também observar mulheres que vinham com outras mulheres, homens com outros homens. Parecia uma grande roda de amigos, apesar da dispersão das conversas por todos os lados.*

*A bebida alcoólica era o grande atrativo. Quase todas as pessoas seguravam copos ou estavam em torno de outras pessoas com bebidas. Com a proibição de venda de bebidas alcólicas nos estádios brasileiros, o Esquenta é também um momento de beber antes de ir para as arquibancadas.*

*A maior parte dos membros da diretoria do Setor andavam com camisas produzidas por eles. Durante o Esquenta, também se comercializam alguns produtos da torcida, como canecas, blusas, bonés. Neste dia, eles começavam a vender uma rifa que sortearia uma viagem ao Rio de Janeiro para o torcedor assistir à partida entre Ceará e Vasco da Gama.*

*“Nosso caixa tá melhorando muito com essas vendas”, disse-me André.*

*Nesse dia, não comprei nada deles. Mas em outros momentos já havia comprado camisa, camiseta e uma caneca de chopp. Em todos esses materiais que adquiri estava impresso “Estamos Bêbados” – uma espécie de marca do Setor que também está presente em um de seus tirantes.*

*A música bem alta, que começou com pagode, passou por outros ritmos musicais como samba, sertanejo e forró. Nada ficava muito dissonante disso. Em certo momento, passou um grupo da Cearamor pela rua cantando suas músicas. Alguns membros do Setor que estavam na rua pararam de cantar. Outros, na maior parte gente que não frequenta o Setor, cantaram juntos com os membros da Cearamor<sup>19</sup>.*

Figura 6 – Esquenta próximo ao PV. Movimentação na rua, entre as festas do Setor Alvinegro e da Ceará Chopp



Fonte: MORAIS, 2015.

O Esquenta se apresenta, portanto como uma espécie de apêndice à festa principal: o que vai ocorrer “lá dentro”. As emoções construídas nessa sociabilidade pré-jogo se mostram, como sugere Duvignaud (1983), tal qual “um corte de sequência”. O que não pode ocorrer “lá dentro” (no estádio), o que é da ordem do jogo, pode ganhar outros sentidos “lá fora”. A bebida alcoólica é um claro exemplo. Proibida nos estádios, ela se torna parte da festa e “subverte” a relação com o jogo. De modo que ela vira marca, estampa trapos, camisas, camisetas, canecas

e até mesmo aparece nas músicas da equipe. Esse tipo de comunhão trata-se, segundo Maffesoli (2014), de uma maneira de “fortalecer a solidariedade”, mesmo que implique também regras e determinadas obrigações para “a elaboração e manutenção da comunidade”: “Estar-junto inicial cujo cimento é mais emocional que racional” (MAFFESOLI, 2014, p. 114).

A bebida alcoólica marca ainda uma forma de se preparar para desempenhar as performances que o jogo “lá dentro” irá exigir. O álcool seria como um elemento que os “desinibe” – uma espécie de combustível – e possibilita que eles gritem mais alto, cantem sem sentir desgaste físico, esbravejem, pulem e, de uma maneira geral, tenham o corpo mais desenvolvido. É o caso, por exemplo, de Silvio:

É um casamento. Eu, pelo menos, não consigo me soltar e cantar da forma que eu quero se eu não estiver bêbado. Eu sou tímido, mas a partir do momento que tem bebida no meu organismo eu consigo me soltar, gritar, fazer as palhaçadas, sem ter vergonha de ninguém que tá perto de mim. (SILVIO)

Outra subversão ao jogo que ocorre “lá dentro” é a do próprio tamanho do Setor. Fora do estádio, a equipe consegue agregar outras pessoas que estão passando, escutam uma música e resolvem tomar uma cerveja próximo a eles<sup>20</sup>. É o que o Setor chama de “se fortalecer”. Em várias reuniões – em preparação para jogos –, eles comentavam como o Esquenta vinha ajudando a “divulgar a ideologia” deles. Em outras palavras, no Esquenta, o Setor parece mais forte; parece conseguir protagonizar a cena e fazer com que outras torcidas e torcedores os reconheçam dessa maneira.

Figura 7 – Esquenta reúne considerável número de pessoas antes de partida no Castelão



Fonte: MORAIS, 2015.

Desse modo, o Esquenta parece reforçar a posição, ou seja, a “ideologia” que o Setor representa no jogo. Além das demarcações de *lugares* dentro e fora dos estádios, essas sociabilidades atuam como tentativas de desempenhar um papel em cena, em consonância com uma conduta a ser seguida. Por isso, as músicas, as brincadeiras, as vestimentas e os demais materiais do Setor, atuam como parte desse desempenho prático da equipe, num cenário de várias possibilidades de atuações.

## Conclusão

Este artigo apresentou alguns entrelaçamentos e diálogos possíveis de se estabelecer entre a ideia de “territorialização” e as disputas de/por espaços nas arquibancadas de futebol, como parte do ritual disjuntivo do jogo, aqui entendido como fenômeno cultural. Essas diversas formas de apropriação material e simbólica sobre determinados espaços configuram condições de conflitos, muitas vezes potencializados pelo imaginário que habita o mundo do futebol.

Mostramos que os espaços apropriados pelo Setor Alvinegro acabam por se configurar como parte constitutiva da identidade desta torcida, do modo como esses atores torcem, cantam;

mais, como “performam” e participam ativamente do jogo. Assim, o processo de diferenciação das torcidas – ou dos “modos de torcer” – parecem passar pelas formas como os espaços são apropriados.

Nos parece que essas diferentes formas de apropriações se relacionam também com as nomeações a que se sujeitam e são sujeitados os diversos “tipos” de torcedores que se encontram interagindo no mesmo espaço. O “lugar” da organizada tradicional não parece ser o mesmo da torcida organizada que pretende torcer de maneira “diferente” – como no caso do Setor Alvinegro. Assim também o é no caso de torcedores ditos “comuns”, que ocupam, de modo geral, espaços diferentes dessas torcidas.

Essa multiplicidade de apropriações complexifica ainda mais as relações estabelecidas nas arquibancadas de um estádio de futebol. Para além das divergências clubísticas, outros conflitos se apresentam latentes em uma situação na qual os torcedores precisam – a cada nova jogada – interpretar e classificar as ações uns dos outros.

Assim, intencionamos clarificar que nem toda torcida torce do mesmo jeito e que as diversas formas de apropriação e territorialização do espaço dão esta medida. O estádio não é apenas o lugar de uma bagunça sem sentido e violenta, assim como o torcer organizado ou a torcida organizada não deve ser considerado apenas por sua agência violenta. O estudo etnográfico do Setor Alvinegro demonstrou isso, embora no espaço reduzido deste artigo, nossa intenção não tenha sido fazer proselitismo algum sobre o universo das organizadas, mas sim acionar o conceito de território para compreender o estádio, particularmente, na perspectiva de “segunda casa”.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. 2009. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BACHELARD, Gastón. 1998. *A poética do espaço*. São Paulo: Nova Cultural.
- BUENOS AIRES, Carlos Antônio Mendes de, e Borges, Livia Freitas Fonseca. 1998. *Não-lugares – introdução a uma antropologia da supermodernidade de Marc Augé*. Revista Sociedade e Estado, Vol. XIII, Nº 01, Jan/Jul.
- CERTEAU, Michel de. 1994. *A invenção do cotidiano – Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes.
- CURI, Martin. 2012. *Espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública*. Tese de Doutorado em Antropologia, Universidade Federal Fluminense.
- DOUGLAS, Mary. 2012. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- GENNEP, Arnold Van. 2011. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, Erving. 2012. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes.
- \_\_\_\_\_. 2013. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- HAESBAERT, Rogério. 2006. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- \_\_\_\_\_. 2005. *Da desterritorialização à multiterritorialização*. São Paulo: Universidade de São Paulo. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina.
- LEITE, Rogério Proença. 2002. *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.17, n.49, p.115-134, jun.
- MAFFESOLI, Michel. 2014. *Homo eroticus: comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense.
- MENEZES, Isabella Trindade. 2010. *Entre a fúria e loucura: análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas*. Dissertação de Mestrado em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
- MORAIS, Diego Batista de. 2015. *O jogo na arquibancada: o setor alvinegro e as performances do torcer no contexto do futebol espetacularizado*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Ceará.
- RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. 2012. *Amizade, trago e alento: A Torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização – mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal Fluminense.

SCHUTZ, Alfred. 2012. *Sobre fenomenologia e relações sociais*. Petrópolis: Vozes.

SIMMEL, Georg. 2006. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. 2003. *Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablumme.

---

<sup>1</sup> Trecho da reportagem exibida no *Jornal Hoje* da Rede Globo, disponível em: <<http://jornalhoje.globo.com/JHoje/0,19125,VJS0-3076-20051109-120788,00.htm>>.

<sup>2</sup> Trecho de entrevista realizada com a torcedora Lara, que faz parte do Setor Alvinegro.

<sup>3</sup> Antes de todas as partidas, a torcida organizada deve enviar um e-mail à Polícia Militar informando quais os instrumentos e demais adereços, como faixas e bandeiras, levarão ao estádio. Sem essa comunicação prévia, a torcida organizada não pode entrar munida desses materiais.

<sup>4</sup> Montese é um bairro de Fortaleza, bem próximo ao bairro do Benfica, onde está localizado o Estádio Presidente Vargas, local onde o Ceará atua com frequência.

<sup>5</sup> Para Schutz (2012, p.323), o “lar” significa, para a maioria das pessoas, a vida em grupos primários reais ou potenciais. “Significa ter em comum com outros uma seção do tempo e do espaço, assim como os objetos do entorno enquanto fins e meios possíveis, bem como interesses baseados sobre um sistema de relevâncias subjacente que é mais ou menos homogêneo”. No caso dos torcedores, os interesses semelhantes são os de interagir de alguma forma no e com o jogo.

<sup>6</sup> “Mandar” um jogo significa atuar no estádio que é considerado “a sua casa”, geralmente localizado na cidade em que o clube é sediado. Há estádios privados, que pertencem aos clubes que neles disputam suas partidas. Outros são de propriedade do Estado, sendo gerenciados ou pelos poderes executivos (prefeituras, governos estaduais ou federal) ou por empresas que obtêm a concessão para tal.

<sup>7</sup> As barras bravas da América do Sul – com destaque às argentinas e uruguaias – são torcidas que apresentam conexões fortes entre os “torcedores, as políticas dos clubes de futebol e as atividades criminosas” (GIULIANOTTI, 2010, p.83). O mesmo autor ressalta, porém, que são também lembrados por “seus cantos eloquentes e espetáculos pirotécnicos durante os jogos”. No Brasil, muitas dessas torcidas que adotaram o estilo “barra brava” acabaram também por ser nomeadas como “torcidas de alento”. A “música de alento” é assim denominada por ter uma batida mais suave e um ritmo mais lento. As letras dessas músicas também são, geralmente, com declarações de amor incondicional ao clube.

<sup>8</sup> Pode-se pensar, por exemplo, o signo da violência. Geralmente, o assunto é tratado pelos membros do Setor Alvinegro como se fosse algo que não pertence à equipe deles, como se a violência no futebol fosse pertinente a um estilo de torcer das organizadas. As barras bravas sul-americanas possuem um histórico de violência em estádios de futebol. No Brasil, porém, parece haver uma ressignificação desse estilo, como abordei no capítulo anterior. Seriam barras bravas no Brasil torcidas com determinados comportamentos no jogo: músicas com referência à paixão, mais lentas que as batidas de funk, de costume.

<sup>9</sup> Principalmente no que concerne às arenas de futebol construídas a partir do anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo. Tais arenas se caracterizam por um “padrão Fifa”, comercializando a ideia de mais conforto para os torcedores. Ao mesmo tempo, essas arenas possuem sistemas de vigilância mais sofisticados, interferindo diretamente sobre o comportamento de torcedores e torcidas.

<sup>10</sup> Torcida com características de “torcida chopp” do Fortaleza.

<sup>11</sup> Da inserção em campo foi possível perceber que mesmo quando os torcedores adversários não estavam presentes no estádio, muitos cânticos e xingamentos eram direcionados para os *lugares* que costumavam ficar. Por exemplo, a Cearamor quando canta uma música direcionada para a TUF, mesmo quando não é uma partida entre Ceará e Fortaleza, faz movimentos e gestos corporais também direcionados ao espaço na arquibancada no qual a TUF

---

costuma torcer. Assim, infere-se que a incorporação do lugar ultrapassa os limites da presença dos sujeitos nos espaços das arquibancadas designados como “seus lugares”.

<sup>12</sup> Esses mapas foram construídos a partir de pergunta lançada aos membros do Setor Alvinegro em uma reunião: onde ficam posicionadas cada uma das torcidas no PV e no Castelão?

<sup>13</sup> Diz-se “caldeirão” estádios de dimensões menores, nos quais os torcedores ficam mais próximos do gramado e, assim, conseguem “pressionar” de forma mais intensa o time adversário.

<sup>14</sup> Técnico do Fortaleza, na ocasião.

<sup>15</sup> Retirado do diário de campo, do dia 12 de maio de 2012, no Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza (MORAIS, 2015).

<sup>16</sup> Simmel (2006) entende a sociabilidade como “a forma lúdica da sociação”. Quando as formas adquirem, a partir da dinâmica do jogo, uma vida própria. Os torcedores, por exemplo, têm o sentimento e a satisfação de estar juntos conversando, bebendo, rindo, apenas pelo valor de estarem juntos, sem necessariamente envolver interesses próprios da equipe. O estádio é o local próprio da sociabilidade torcedora. No entanto, já mencionei que essa sociabilidade está para além do espaço e tempo da partida. Por exemplo, há pessoas que se reúnem em bares ou restaurantes para assistir ao jogo pela televisão. Em casa, o torcedor pode ainda optar por comprar um pacote de canais de televisão que exiba os jogos de determinada competição ao qual esteja vinculado seu time. A sociabilidade se estende ainda para conversas cotidianas, também citadas aqui. O foco, no entanto, é dado ao estádio, pois é nele que se reúne a maior quantidade de torcedores num mesmo espaço, além da presença das torcidas organizadas.

<sup>17</sup> Durante a disputa da Copa do Mundo – principal torceio de futebol do planeta –, as competições entre clubes profissionais ficam paralisadas. Soma-se a isso o fato de que, em 2014, a Copa do Mundo foi disputada no Brasil.

<sup>18</sup> Ritmo musical de forró caracterizado pela presença dos instrumentos: zabumba, sanfona e triângulo.

<sup>19</sup> Retirado do diário de campo, do dia 15 de julho de 2014, nas imediações do Estádio Presidente Vargas, em Fortaleza (MORAIS, 2015).

<sup>20</sup> Para Gennep (2011), “a comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto” é uma forma de “rito de agregação”. De forma que essa união “propriamente material” agrega até mesmo indivíduos considerados *estrangeiros*. No caso dos torcedores, alguém que não conheça exatamente o Setor Alvinegro ou sua “ideologia” pode, durante aquele rito de beber junto, sentir-se parte da equipe.